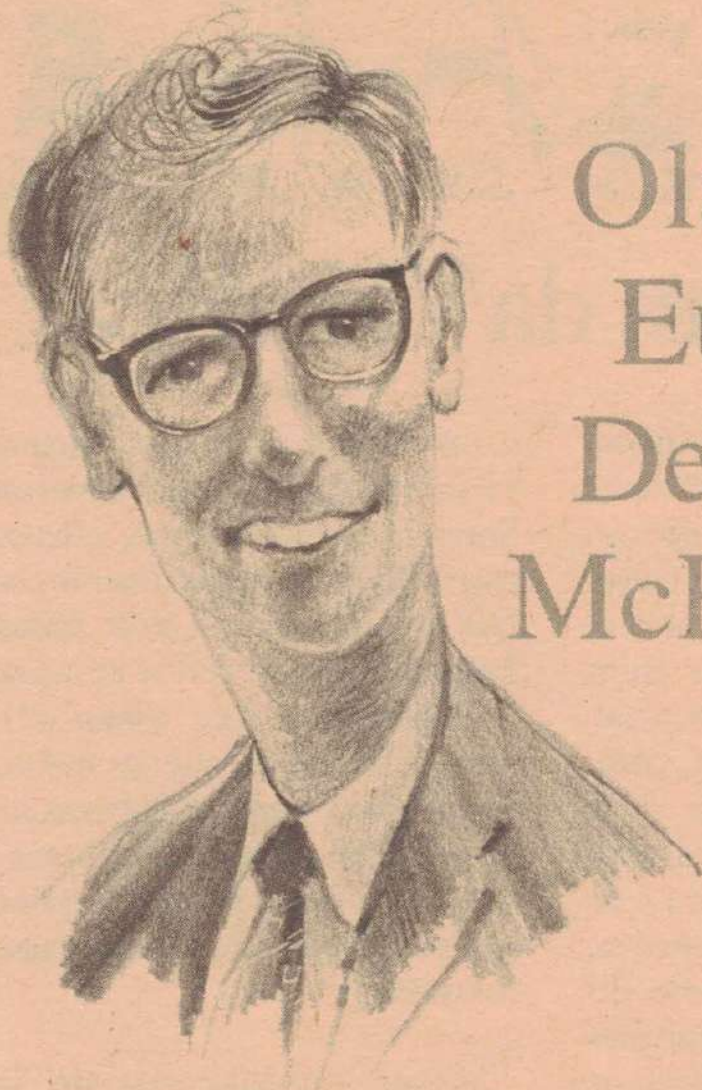




Olá, mundo! Eu sou Dennis McEldowney

MAURICE SHADBOLT

Ele era um caso raro na medicina: um «bebê azul» de 24 anos, lutando para sobreviver todos os dias, minuto a minuto, segundo a segundo; agora, cada instante do dia é para ele um verdadeiro tesouro

A MEDICINA moderna tem salvo muita gente que estaria destinada a morrer. Por isso, temos tendência para considerar esses casos como rotina. No entanto, como se sentirá uma pessoa que, praticamente, «nasceu» aos 24 anos, devido à ciência médica, e de repente começou a viver num mundo maravilhoso? Foi mais ou menos isso que aconteceu a Dennis McEldowney.

Aos 24 anos, ele tinha passado a maior parte da vida na cama e, na

realidade, nem devia estar vivo. Sofria de uma complexa doença congênita cardíaca, chamada *tetralogia de Fallot*, que antigamente matava rapidamente a maioria de suas vítimas — os desafortunados «bebês azuis». A doença é sobretudo um estreitamento da artéria pulmonar, o que faz com que a circulação sanguínea nos pulmões seja deficiente e o sangue receba pouco oxigênio para alimentar os músculos; por isso, a pele começa a adquirir uma estranha coloração quase azulada.

Os sintomas de Dennis, porém, eram esquisitos; sua cor nunca foi distintamente azul, e sua verdadeira doença estava bem disfarçada. Ainda pequenino, os médicos diagnosticaram-lhe um defeito cardíaco diferente, e deram-lhe algumas chances de sobrevivência até os oito anos.

Nesta idade, ele ainda andava com agilidade, embora com passo pouco seguro, e até freqüentava a escola primária, mas logo o mundo se fechou para ele, hora a hora, dia a dia, até que passou a permanecer de cama. A falta de ar obrigou-o a ficar imobilizado e, em breve, essa imobilidade fez com que seus músculos se atrofiassem. Como não havia nada na suposta doença cardíaca que justificasse isso, o médico pensou que se tratasse de um comportamento neurótico. Mas, Dennis não conseguia levantar-se.

O mundo fora do seu quarto começou a desvanecer-se rapidamente. Sua existência, a partir dos 12 anos, ficou confinada às quatro paredes do cômodo. Havia uma porta, é claro, através da qual as pessoas entravam e saíam, e tinha uma janela que dava para os campos ao longe; às vezes, viam-se as vacas, os camponeses e, à distância, as montanhas da Ilha do Sul, na Nova Zelândia, esfumadas no verão e cobertas de neve no inverno. Havia ocasiões em que, apesar das visitas e dos livros, dos jornais e do rádio, apesar daquela agradável vista campestre, Dennis tinha dificuldade em acreditar que o resto do mundo não fosse pura fantasia. Suas únicas certezas eram aquele quarto e o que se passava dentro dele.

Nesse quarto, desapareceram o resto da sua infância, depois a sua adolescência e, finalmente, a sua juventude. Lia muito, obras bem escolhidas, enquanto teve forças para fazê-lo, mas só o trabalho de continuar vivo (comer, eliminar, manter-se limpo) minava sua resistência. À medida que diminuía o número de pessoas que participavam de sua vida, ele começou a povoar o quarto através da imaginação, inventando um país, desenhando o seu mapa, idealizando selos, transformando-se em qualquer pessoa que desejasse.

Como se isso não bastasse, começou a imaginar-se editor, publicando uma revista escrita a mão, que era mimeografada e distribuída aos amigos e parentes. Em breve, seus artigos e contos estavam sendo editados por jornais de grande circulação, e ele se tornou um colunista habitual da publicação presbiteriana *Outlook*, da Nova Zelândia.

Depois de completar 20 anos, e ainda aos cuidados de sua mãe, Dennis ficou com a vida mais circunscrita. Escrevia e lia menos; ouvir o rádio durante uma hora deixava-o exausto e sem fôlego. Mesmo nessas ocasiões, quando estava mais abatido, talvez não fosse completamente infeliz. «A infelicidade contínua», lembra ele hoje, «requer uma força mental que eu não possuía».

Pouco antes do seu 24.º aniversário, os médicos examinaram-no novamente e consideraram-no um «bebê azul» que miraculosamente sobrevivera. Fez uma viagem de quase mil quilômetros em avião, para o norte

da sua cidade natal de Christchurch, sendo internado no Hospital Green Lane de Auckland, que começava a ganhar reputação mundial por sua avançada cirurgia cardíaca. Então, no dia 28 de junho de 1950, Dennis McDowdney foi levado à mesa de operações. Nunca um «bebê azul» com essa idade fora submetido a cirurgia na Nova Zelândia.

Durante algum tempo, enquanto o rapaz dormia sob o efeito da anestesia, a operação parecia ter falhado, mas acabou sendo um retumbante sucesso. Animados, os cirurgiões de Green Lane imediatamente operaram uma jovem frágil e loura, chamada Zoé Greenhough, mais velha do que Dennis, mas com uma história clínica semelhante. Na altura em que Dennis saiu do hospital para convalescer em casa, ele e Zoé tinham se tornado bons amigos.

Quando Dennis regressou a Christchurch, seu sobrinho de três anos olhou-o longa e fixamente, dizendo por fim: «Dennis acordou!» Realmente era verdade. Tal como Rip Van Winkle, ele tinha acordado para o mundo de um modo maravilhoso, embora por vezes desanimador. Sentia, por exemplo, as alegrias e os mistérios de tomar banho: usar as duas torneiras para ter água na temperatura certa, depois aprender a relaxar confortavelmente na água espumosa. Havia uma incrível quantidade de coisas a considerar para fazer uma xícara de chá: água, chaleira, chá, bule, leite, açúcar; era preciso ser genial para conseguir coordenar todos esses diversos componentes ao mesmo tempo.

Pior ainda, havia a pavorosa agonia de tomar chá educadamente com as pessoas à tarde, tentando comer, beber e falar ao mesmo tempo; como seria isso possível, e como conseguiam as pessoas fazê-lo tão seguras de si e com tanta elegância?

Havia ainda um «fardo» especialmente difícil de carregar — o céu. Era grande de mais, muito maior do que ele havia imaginado. Quando tentava sentar-se um pouco no jardim, sentia vertigens, como se fosse cair. Começou a temer que tivesse de passar o resto da vida dentro de casa — se o teto não fosse muito alto! Certa vez, quando estava sentado nas primeiras filas de um teatro, olhou para cima e ficou apavorado; teve que recuar rapidamente para as filas traseiras, que ficavam sob o balcão.

Andar não era muito difícil, se ele não sentisse vertigens ao tentar atravessar um espaço aberto. Se caminhasse perto de um muro ou de uma sebe, havia sempre algo a que se pudesse agarrar — se o céu ameaçasse fazê-lo cair. Andar constituía um grande problema, pois obrigava os músculos a trabalhar, após anos de inatividade. Tinha também um problema psicológico: bastava-lhe a idéia de ter de caminhar para que seu coração batesse apressadamente no peito, mesmo antes que começasse a andar. Após uma caminhada de apenas uma centena de metros, voltava para casa exausto. Levou três meses para poder calmamente dar um pequeno passeio, e 18 meses até conseguir adaptar-se à idéia de grandeza do céu. Na verdade, passaram-se anos antes que se

sentisse à vontade num grande espaço aberto, como uma praia, por exemplo.

Caminhar trazia-lhe sempre alguma revelação: as folhas, a grama e as flores, plantas de todas as espécies, numa fascinante variedade; aves, insetos, cães, gatos, ouriços e, sobretudo, gente. As pessoas também pareciam fazer parte da história natural. Sua diversidade era tão incrível como a das outras coisas da natureza: velhos, jovens, homens, mulheres, morenos, louros, altos, baixos.

Com o tempo, ele se aventurou mais longe e foi levado de carro a exposições de arte, onde os quadros, um após outro, iam fascinando sua atenção, até que começava a sentir a cabeça zonzá. Foi a livrarias, onde os títulos dos volumes tão variados o perturbavam; viu lojas cheias de gente, coloridas exposições de flores e um complicado jogo de críquete; levaram-no a cerimônias religiosas, a um casamento e a um enterro; foi, inclusive, a um concerto, onde as cores dos trajes do público e a melodia da música o deixaram impressionadíssimo.

Houve, no entanto, uma coisa que Dennis não conseguiu enfrentar: foi a corrida às compras, na época de Natal, cujo frenesi o deixou trêmulo e apavorado por alguns momentos.

As maneiras diferentes, esquisitas e imprevisíveis das outras criaturas humanas nunca deixavam de surpreender Dennis. As pessoas, quando vistas por um inválido em sua cadeira de rodas, são todas iguais (educadas, gentis, comunicativas), mas, no mun-

do lá fora, nunca eram assim. Estavam sempre preocupadas de mais com seus próprios problemas para lhe darem importância. Surpreendido, observava as pessoas fazendo coisas que ele nunca tinha feito, e provavelmente nunca viria a fazer: carregando navios no cais do porto, datilografando documentos num escritório, limpando chaminés, construindo casas, cuidando das árvores. Todas pareciam saber o que faziam; ele só compreendia que estava aprendendo. Coisas absurdamente simples o espantavam, como consertar a corrente partida de uma bicicleta ou cortar a carne para o gato comer.

À medida que ia ficando mais sofisticado, compreendia que, na realidade, não se tinha tornado independente, mas sim dependente de mais indivíduos, como os outros o eram. A dificuldade estava em que ele já não era o centro fixo do seu universo, mas um centro móvel, numa ordem complexa, juntamente com muitas outras pessoas, todas elas convencidas de que também eram o fulcro do seu mundo.

Assim era a vida para Dennis na década de 50, quando retomava aos poucos seu lugar no mundo, minuto a minuto, dia a dia, ano a ano. No entanto, apesar de todas as novas alegrias, sua vida ainda não podia ser muito ativa. Um quilômetro era a distância máxima que ele conseguia caminhar. Um ou dois passeios de carro por semana eram mais do que suficientes. Sua doença cardíaca estava controlada, mas o pior de tudo era que não se achava de todo curada.

Continuava a corresponder-se com sua amiga e antiga colega, a «bebê azul» Zoé Greenhough. Ela tinha conseguido arranjar emprego num escritório e levava uma vida bastante mais cansativa do que a dele. Nessa altura, Dennis estava resolvido a casar-se com ela, assim que sua situação o permitisse, mas ele, na realidade, não conseguia sustentar-se a si próprio — e muito menos a uma esposa.

Na verdade, ele estava começando. Novos progressos na cirurgia tornaram possível a cura completa da sua doença cardíaca e, em 1961, aos 35 anos de idade, Dennis foi outra vez internado no Hospital Green Lane. A operação foi um sucesso. De uma hora para outra, a distância que Dennis conseguia andar aumentou três ou quatro quilômetros; pela primeira vez na vida, podia movimentar-se livremente. Então, em 1962, mudou-se para Dunedin com sua mãe. Finalmente, conseguiu seu primeiro emprego — duas horas de trabalho diárias no escritório do departamento de educação física da Universidade de Otago. Quando terminava o trabalho, exercitava-se no ginásio do departamento para robustecer o físico.

Passado pouco tempo, estava trabalhando de quatro a cinco horas diárias no escritório. Em casa, além de escrever, começou a arranjar trabalho para uma editora, lendo originais.

Então, a Universidade de Auckland colocou um anúncio, oferecendo um emprego como redator da editora universitária acabada de fundar; o candidato deveria ter «um diploma universitário e saber línguas». Dennis

não possuía nenhuma dessas duas habilitações; tinha apenas o curso primário. No entanto, o comitê de nomeações da universidade, depois de considerar a razão dessa falta de credenciais, resolveu correr o risco e deu-lhe o emprego.

Assim, aos 41 anos, uma vida plena começou para Dennis McEldowney. Em 1967, assumiu o lugar de redator da Editora Universitária de Auckland e, daí a poucos meses, casou-se com Zoé Greenhough, cerca de 17 anos depois do seu primeiro encontro. Nesse período, ele tinha se tornado um competente editor, cheio de iniciativa, e sua editora passara a ser a mais dinâmica em publicações acadêmicas da Nova Zelândia.

Dennis havia ingressado numa vida que aos outros poderia parecer banal. Das nove da manhã às cinco da tarde, trabalhava no escritório; tinha um apartamento à beira-mar e uma esposa para cuidar de si e do lar. Para Dennis, no entanto, tudo isso era extraordinário, e mesmo o dia mais comum lhe parecia uma dádiva. Nunca deixava de se maravilhar com as pequenas coisas da vida. Uma flor, a luz do Sol batendo nas árvores, uma ave cantando nos ramos, tudo o fazia quedar-se extasiado. Quando ele e Zoé vão a um lugar desconhecido, correm de um lado para o outro de mãos dadas, como dois jovens namorados e não como marido e mulher de um casal de meia-idade.

Antigamente, com certa razão, as pessoas teriam pena de Dennis McEldowney, mas hoje, com maior motivo, invejam-lhe seu amor pela vida. ▲